

A visão da sociedade patriarcal sobre as mulheres em *Tudo é Rio*

The view of the patriarchal society on women in *Tudo é Rio*

 Silvana Kelly Gomes de Oliveira

 Giny Karoline Dantas dos Santos

Resumo: Este artigo propõe uma análise do livro *Tudo é Rio* (2021), abordando o que é ser mulher em uma sociedade carregada de expectativas de gênero, fomentada pelo machismo estrutural. Traça-se uma reflexão sobre as personagens mulheres, tanto as protagonistas quanto figuras secundárias da obra, destacando momentos em que estas se encontram submetidas a circunstâncias marcadas pelo contexto social que as dominam, como situações relacionadas ao casamento, à maternidade, à sexualidade e ao julgamento social. É visto que, em virtude da rígida estrutura patriarcal, muitas mulheres estão socializadas a contribuir, ainda que de forma inconsciente, com a manutenção do sistema. Como fundamentação teórica, os principais nomes utilizados foram Bourdieu (2012), hooks (2018) e Del Priore (2011). A metodologia foi de caráter qualitativo-exploratório, utilizando como delineamento a pesquisa bibliográfica. Percebe-se que *Tudo é Rio* retrata o pensamento sexista dominante na sociedade de forma crível, sendo possível aproximar a narrativa ficcional da realidade.

Palavras-chave: Tudo é Rio; Sociedade patriarcal; Mulheres.

Silvana Kelly Gomes de Oliveira. Doutora em Literatura, Memória e Estudos Culturais pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB).

Giny Karoline Dantas dos Santos. Graduanda do curso de Letras Língua Portuguesa, CAMPUS I, UEPB.

Abstract: This article proposes an analysis of the book *Tudo é Rio* (2021), addressing what it is to be a woman in a society loaded with gender expectations, fostered by structural machism. It traces a reflection on the female characters, both the protagonists and secondary figures of the work, highlighting moments when these are subjected to circumstances marked by the social context that dominates them, such as situations related to marriage, maternity, sexuality and social judgment. It is seen that, because of the rigid patriarchal structure, many women are socialized to contribute, albeit unconsciously, to the maintenance of the system. As a theoretical basis, the main names used were Bourdieu (2012), hooks (2018) and Del Priore. (2011). The methodology was of a qualitative-exploratory character, using bibliographic research as a delineation. It is understood that *Tudo é Rio* portrays the dominant sexist thinking in society in a credible way, and it is possible to bring the fictional narrative closer to reality.

Keywords: Tudo é Rio. Patriarchal society. Women.

Introdução

O livro *Tudo é Rio* (2021) narra a história de três personagens principais: Dalva e Venâncio, duas pessoas que viveram um romance arrebatador, mas, devido a uma tragédia, o relacionamento foi arruinado, além de Lucy, a prostituta mais famosa da cidade, que nutre uma obsessão por Venâncio. Através de uma narrativa que mistura passado e presente, é revelada ao leitor uma história de violência e de superação, que tem como pano de fundo uma cidade sem nome e sem localização geográfica, mas que exhibe uma sociedade tão real quanto a nossa.

A obra de Carla Madeira aborda explicitamente uma sociedade patriarcal e suas imposições recaídas sobre as mulheres. Uma das principais cobranças destinada às mulheres é a de reprimir sua sexualidade, observação esta que leva a uma reflexão sobre como o corpo da mulher está

submetido à dominação masculina, o que resulta em uma expectativa sobre como deve se dar o comportamento feminino perante a sociedade.

No contexto de *Tudo é Rio*, a obra destaca situações que são facilmente observadas na pauta de violência de gênero, pois suas personagens mulheres podem ser evidenciadas pelos seus conflitos marcados pelo seu gênero. Em outras palavras, elas estão submetidas a determinadas circunstâncias construídas por uma sociedade que impõe uma submissão, como, por exemplo, a relação que a mulher deve ter com a maternidade e o casamento, o caso da personagem Dinha Zezé.

O presente artigo, portanto, tem como objetivo analisar como a autora exhibe o funcionamento da sociedade patriarcal no tratamento das mulheres, atentando-se a personagens além das principais – Lucy e Dalva –, como Francisca e Dinha Zezé, figuras secundárias que estão presentes na obra. Ademais, faz parte dos objetivos observar a questão de como as mulheres, ao mesmo tempo em que são vítimas do patriarcado, são condicionadas a contribuírem para a sua perpetuação.

Como justificativa da escolha do tema, tem-se o interesse particular envolvendo obras contemporâneas de autoria de mulheres. Nesse caso, além de ser uma autora em ascensão, Carla Madeira aborda em sua narrativa temas universais.

Logo, as vozes de Bourdieu (2012), hooks (2018) e Del Priore (2011) são algumas utilizadas no embasamento teórico. A respeito da metodologia utilizada, o artigo ancora-se na abordagem qualitativa do tipo exploratória e utiliza como delineamento a pesquisa bibliográfica.



○ corpo e o comportamento da mulher

Culturalmente, o corpo, para a mulher, está relacionado à sua honra. Castro (2020) explica que “A honra feminina era diretamente relacionada ao recato, à submissão e ao silêncio” (p. 91). Ainda, Soihet (2004) afirma que, durante a Belle Époque (1890-1920), época em que a ordem burguesa era plenamente instaurada (e, com isso, seus valores), “Especificamente sobre as mulheres recaía uma forte carga de pressões acerca do comportamento pessoal e familiar desejado, que lhes garantissem apropriada inserção na nova ordem” (p. 304).

Embora a sociedade vigente não seja mais aquela dos séculos XIX e XX, os valores sociais em relação ao que se compreende como “conduta da mulher” não mudaram tanto, pois dela ainda é esperado recato para “manter sua honra”. Tal honra, além disso, é constantemente vigiada pela comunidade.

Nessa conjuntura, compreende-se que o comportamento feminino é conduzido pelo patriarcado, que, como clarifica Nielsson e Wermulth (2021), trata-se de “uma instituição que se sustenta no controle do corpo e na capacidade punitiva sobre as mulheres” (p. 4). Dentro do modelo de sociedade patriarcal, é plausível deparar-se com a violência patriarcalista, que é “praticada sobre o corpo feminino, território privilegiado de perpetuação de uma pedagogia da crueldade que fornece as bases de sustentação do poder” (p. 9).

Tendo essa perspectiva, pode-se sintetizar a ideia de que, na construção social, a mulher está em uma posição em que suas práticas são controladas pelos demais, pois, quando a mulher afasta-se das expectativas criadas em torno do seu gênero, ela está sujeita a represálias,

como a humilhação e o julgamento. Em outros termos, é como se seu valor fosse vinculado à sua obediência perante o sistema que a oprime.

Uma das principais características da “conduta” esperada das mulheres é o silenciamento ou o apagamento de sua sexualidade. Mary Del Priore, em seu livro *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil* (2011) que, por sua vez, aborda a sexualidade e o casamento ao longo da história, expõe que foi difundida a ideia de que as mulheres não poderiam expor o desejo por prazer nem dentro do casamento:

Sobre o papel da mulher durante o coito, fazia-se eco aos conselhos de Aristóteles: que nenhuma mulher, mas nenhuma mesmo, desejasse o lugar de amante de seu marido. Isso queria dizer que a esposa não devia demonstrar nenhum conhecimento sobre sexo. Somente casta e pura ela seria desejada. Sua ingenuidade seria prova de sua honradez (Del Priore, 2011, p. 48).

Perpetua-se, então, uma dicotomia sobre a imagem da mulher: a mulher “honrada” – ideal para o casamento – e a mulher “amante” – aquela que desfrutaria de sua sexualidade. A partir dessa bipartição, foi naturalizado culturalmente que apenas a imagem da mulher “honrada” fosse digna de respeito.

Tendo isso em mente, bell hooks (2018) esclarece que

O pensamento sexista ensinado às mulheres desde o nascimento deixou claro que o domínio do desejo sexual e do prazer sexual era sempre e somente masculino, que apenas uma mulher de pouca ou nenhuma virtude diria ter necessidade sexual ou apetite sexual. Divididas pelo pensamento sexista entre o papel de madona e o de puta, as mulheres não tinham base para se construir sexualmente (p. 95).

Isto é, a expectativa de comportamento feminino gira em torno da negação por parte da mulher de sua sexualidade. A consequência dessa expectativa foi a criação de uma ideia de que a mulher não poderia demonstrar apetite sexual, nem mesmo dentro do relacionamento. Em virtude disso, as próprias mulheres se encontravam em negação consigo mesmas em relação à sua sexualidade, uma vez que acreditavam que seria incorreto exercê-la.

Além da representação virginal rodeando a mulher, tem-se também a imposição da fidelidade para com o homem:

A fidelidade conjugal era sempre tarefa feminina. A falta de fidelidade masculina, vista como um mal inevitável que se havia de suportar. Era sobre a honra e a fidelidade da esposa que repousava a perenidade do casal. Ela era a responsável pela felicidade dos cônjuges (Del Priore, 2011, p. 77).

Ou seja, apesar de a responsabilidade com o casamento pertencer, na teoria, tanto ao homem quanto à mulher, foi internalizado o cenário em que o homem trai sua parceira, ao passo que à mulher restou a humilhação e o seu rebaixamento como sujeito em casos de infidelidade.

Para manter essa cultura de subjugação feminina, foram normalizadas condições sociais em que o valor da mulher é questionado por situações (ou até mesmo suposições) sobre o exercício de sua sexualidade.

Em *Tudo é Rio*, dois momentos chamam a atenção a respeito desse tema. Pode-se citar, primeiramente, quando a autora descreve a história de Francisca, uma mulher que trabalhava, principalmente, como babá na casa de Lázaro. Em um determinado momento, Francisca tem um encontro amoroso com Geraldo, seu ex-noivo, com quem encerrou o noivado para cuidar das Marias, as filhas de Lázaro.



Ao descobrir que as filhas encontraram Francisca com um homem em casa, Lázaro tratou de expulsá-la da residência.

A cidade inteira ficou sabendo o que tinha acontecido. Deram razão a ele. Muitos julgaram e condenaram duramente. Desconfiaram da bondade dela. Fingida, concluíram sem memória, fingida. A maior maldade de todos os tempos, a mais cruel, foi inventar que o sofrimento está para o bem assim como o prazer está para o mal. Foi com essa pedra, endurecida há séculos no nosso caminho, que apedrejaram Francisca. Ela deu razão para toda sorte de castigo. Merecia (Madeira, 2021, p. 150-151).

Nessa circunstância, Aurora acolheu Francisca em sua casa, gerando, também, julgamentos por parte da sociedade, o que a autora enfatiza com ironia: “As guardiãs dos bons costumes tentaram condenar, fizeram suas romarias, mas Aurora foi firme: Francisca é bem-vinda e muito querida na minha casa” (Madeira, 2021, p. 151).

Após o ocorrido, as Marias sentiram falta de Francisca, mas Lázaro se opunha firmemente à ideia de trazer a mulher de volta à casa:

Era testemunha da dedicação de Francisca, sentia gratidão por ela, mas ia fazer o quê? Que exemplo dava para as filhas se deixasse ela ficar? Que podiam ser vadias, se deitar no chão com qualquer homem casado? A imprudência de expor as meninas, tão pequenas, àquela indecência toda, não deixava escolha. Não tinha como revisar sua posição, cegar as palavras afiadas, mesmo sabendo que nelas cabia muito pouco do que era Francisca de verdade (Madeira, 2021, p. 151).

Percebe-se que Lázaro encontra-se em um dilema, pois, ao mesmo tempo em que reconhece que Francisca cuidou bem de suas filhas, ele não podia deixá-las expostas àquela mulher, pois a mera presença de Francisca poderia aflorar nas meninas a sexualidade e, com isso,

“manchar a reputação” delas. Interessante notar que Lázaro admite que o episódio envolvendo Francisca não era o suficiente para julgá-la por inteiro, porém, o homem não podia deixar que a cidade soubesse que Francisca ainda tinha contato com suas filhas, pois isso afetaria a imagem delas. Por essa razão, Lázaro traz como solução levar Francisca para morar em uma chácara, afastada da cidade, onde as meninas poderiam visitá-la sem despertar o julgamento social.

Outro momento relacionado ao tema é quando Antônio, o pai de Dalva, soube “que a filha andava se engraçando com o filho de seu José” (Madeira, 2021, p. 81). O homem recebe Dalva em casa aos berros: “Filha minha querendo cair na boca maldosa da cidade? Sendo fácil nas esquinas, no caminho de casa? Dando intimidade pra esse moço esquisito, se esfregando nesse filho de peixe? Mas é nunca. Tem que ter permissão, viu?” (Madeira, 2021, p. 81).

Mais à frente, Antônio profere para Dalva: “tá achando que eu te criei pra ser vagabunda? Se perder por aí, na mão de qualquer um? Te mato antes de morrer” (Madeira, 2021, p. 81). Nesse momento, fica nítida a represália sofrida por Dalva, uma humilhação por parte de seu pai pelo simples fato de ela estar iniciando um relacionamento com Venâncio. A preocupação do pai, expressada pela raiva, denuncia uma sociedade injusta com as mulheres, que espera delas o total apagamento de sua sexualidade. Nesse contexto, Antônio chega a ameaçar Dalva de morte por ela supostamente tornar-se uma mulher “desonrada”, o que “acabaria” a reputação de toda a família.

No decorrer da cena, é possível perceber o quão as palavras de Antônio feriram Dalva:

Dalva perdeu a graça. Ficou triste com o corpo inteiro. As mãos tremiam, as lágrimas derramavam grossas. Teve raiva do pai, das palavras que ele atirou nela. Da grosseria injusta. Era amor. Não

era falta de vergonha. [...] Não tinha consolo, ficou vendo e re-
vendo o pai chamar ela de vagabunda. Lembrando a cara defor-
mada que ele fez (Madeira, p. 81, 2021).

A mãe da moça, Aurora, tenta amenizar a situação: “Tenha calma, Dalva. Tudo tem jeito, deixe seu pai comigo, apenas tente ouvir o mais importante. Seu pai quer te proteger, cuidar de você. Não age assim pra te chatear” (Madeira, 2021, p. 81). A fala de Aurora, apesar de machucá-la, é mais uma evidência da condição feminina: elas devem aceitar o enxovalho e a submissão, pois a dominação por parte do pai (logo, da sociedade em si) é “para o seu próprio bem”. Além do que, quando Antônio esbraveja que Dalva precisa de sua permissão, é posto em evidência que o corpo da filha pertence ao pai, por isso a permissão é tida como essencial.

Sobre a dominação masculina, Bourdieu (2012) a encara como uma forma de violência simbólica. A violência simbólica trata-se de um mecanismo social que exerce uma relação de poder de dominante para dominado através da imposição de símbolos. Por sua vez, a violência simbólica presente na estrutura patriarcal faz com que a submissão da mulher perante as leis sociais seja encarada como natural.

No caso retratado no livro, a violência simbólica faz com que a cena em que Antônio dirige-se à Dalva com um tom degradante e autoritário seja vista como algo comum na vida das mulheres. Antônio, como pai, assim como Lázaro, estaria zelando pela reputação da filha e suas decisões são encaradas como plausíveis. Vale ressaltar que Aurora não se uniu a Antônio em seu ato de censura, pois, em sua criação, seu pai tentou ensinar-lhe a ter suas próprias opiniões:

Afastou Aurora dos preconceitos que uma cidade que vive entre a igreja e a zona costuma ter. De um lado, um Deus alcoviteiro,

capataz, com um caderno de notas na mão registrando cada deslize, especialmente o das mulheres; do outro, um Deus permissivo, vista grossa e cúmplice dos homens. [...] No meio desses fermentos, a convivência com as pessoas do lugar — acostumadas a culpar as putas pelos pecados dos homens, emboladas na superstição, no mau-olhado, no fogo eterno — bem que tentou deixar suas marcas: botar Aurora na fôrma da ignorância. Mas ela reconhecia esses atrasos sem arrogância e acabou escapando de boa parte deles (Madeira, 2021, p. 102-103).

Como é possível observar, através da percepção da injustiça perpetuada pela dominação masculina, Aurora pode aprender a fazer o possível para quebrar esse ciclo, tanto quando tentou amenizar a situação com Antônio quanto quando abrigou Francisca.

Nos dois casos citados, observa-se que, de certa forma, o poder do pai sobre o corpo da filha é institucionalizado. Em outras palavras, é como se, ao adotar medidas para “proteger” a imagem da mulher “sob sua responsabilidade”, o pai – a figura masculina – fosse o detentor do corpo da filha – um corpo de mulher. A esse respeito, Bourdieu (2012) defende que:

Na medida em que o valor dessas alianças [casamento], e portanto o lucro simbólico que elas podem trazer, depende, por um lado, do valor simbólico das mulheres disponíveis para a troca, isto é, de sua reputação e sobretudo de sua castidade — constituída em medida fetichista da reputação masculina e, portanto, do capital simbólico de toda a linhagem — , a honra dos irmãos e dos pais, que leva a uma vigilância tão cerrada, quase paranóica, quanto a dos esposos, é uma forma de lucro bem-compreendida (p. 58-59).

Isto é, é associado um valor às mulheres – sua castidade – que deve ser mantido a qualquer circunstância, protegido de suspeitas. Os pais e irmãos, por sua vez, creem possuir o direito de efetivar uma vigilância severa.

No entanto, há um caso mais evidente de dominação do corpo feminino, em que é “permitido” aos homens tocarem a mulher e tomarem posse de seu corpo sempre que sentirem necessidade: o casamento. O casamento pode ser enxergado como uma troca de bens simbólicos, como elucida Bourdieu (2012):

é correlativo da instituição da violência pela qual as mulheres são negadas como sujeitos da troca e da aliança que se instauram através delas, mas reduzindo-as à condição de objetos, ou melhor, de instrumentos simbólicos da política masculina: destinadas a circular como signos fiduciários e a instituir assim relações entre os homens, elas ficam reduzidas à condição de instrumentos de produção ou de reprodução do capital simbólico e social (p. 56).

Sendo assim, é instaurada uma visão machista que determina que a mulher, em sua condição de submissão, seja tratada como um objeto “comprado” pelo homem no ato do casamento. E, como alguém que “compra”, o homem acredita que tem poder total sobre o corpo de sua esposa.

Carla Madeira não deixou de fora de *Tudo é Rio* uma passagem sobre como a mulher casada é encarada como posse de seu marido; dessa forma, não estavam sob seu controle as atividades sexuais, cabendo ao marido escolher o momento de realizar o ato sexual e à mulher não sobrando a opção de negar. É o que acontece quando é mostrada a vida de Dinha Zezé, esposa de Lázaro, que morreu dando à luz à terceira filha:

Para ela, a hora de dar à luz era a mais escura, chorava desesperada antes, durante e depois do parto. Dizem que assim que teve a primeira filha, D’Ajuda, trancou as pernas, queria evitar Lázaro para sempre com medo de engravidar. Mas ele reclamou seus direitos, e ela ficou sem saída. Veio outra barriga, Das Graças foi outro tumulto, horas de trabalho difícil e arriscado, Dinha Zezé perdeu muito sangue, ficou fraca, custou a apumar, bateu

o martelo e sentenciou: não sei evitar filho, tenho que evitar marido. Bem que tentou, mas as desculpas acabaram bem antes do fogo de Lázaro, então ela entregou para Deus enquanto se entregava para ele (Madeira, 2021, p. 148).

Sobre esse assunto, cabe apontar dois tópicos importantes: a negação da opinião da esposa sobre a ocorrência do sexo e a violação dos direitos reprodutivos das mulheres, ou seja, a violação do direito de escolha de ter ou não filhos.

Como já mencionado, a estrutura patriarcal constrói a ideia de que o corpo feminino é, por direito, pertencente ao homem, ou seja: o marido acredita veementemente que a esposa deve cumprir com o “débito conjugal” de maneira assídua. Isso significa dizer que, uma vez casada, a mulher não deve negar sexo ao marido, pois faz parte “dos seus deveres de esposa”. No trecho do livro acima, verifica-se que Dinha Zezé compreende esse sistema e se vê “sem saída”.

Pelo breve contexto que é apresentado no livro, o motivo principal pelo qual Dinha Zezé deseja não mais manter relações sexuais com Lázaro é o medo da gravidez, o que conduz ao próximo tópico: a violação dos direitos reprodutivos.

Por meio de uma visão patriarcalista, as funções “masculinas” e “femininas” foram divididas da seguinte forma: enquanto ao homem caberia participar ativamente da esfera pública, à mulher caberia preocupar-se apenas com a reprodução e nutrição da espécie. A esse respeito, Del Priore (2004) afirma:

No entender de muitos médicos da época, a mulher não passava de um mecanismo criado por Deus exclusivamente para servir à reprodução. Assim como a pluma do poeta ou a espada do guerreiro, ela era só um instrumento passivo do qual seu dono se servia (p. 69).

Ou seja, na estrutura social formada, está além da vontade da mulher escolher ou não ter filhos, pois, essencialmente, essa seria sua função. Wichterich (2015) explica que a saúde reprodutiva “implica que as pessoas sejam capazes de terem uma vida sexual segura e que possam ter a capacidade de se reproduzirem e a liberdade de decidir, se, quando, como e quantas vezes isso ocorrerá” (p. 12). Posto isso, quando a narrativa expressa que Dinha Zezé não queria mais engravidar por medo, porque toda a situação envolvendo a gravidez e o parto tratam-se de um evento traumático – e mesmo assim engravidou novamente por causa do “débito conjugal” e da falta de acesso às informações sobre anticoncepcionais –, percebe-se que o seu corpo já não estava sob seu domínio, e sim do seu marido.

Vale acrescentar que, apesar de não ter o tempo e o espaço definidos no livro, supõe-se que no universo de *Tudo é Rio* já havia o conhecimento de métodos contraceptivos, mesmo que arcaicos. Os indícios para essa suposição estão em: “Aprenda a não engravidar, o resto parece que você nasceu sabendo” (Madeira, 2021, p. 43) e “Grávida? Já era uma puta-velha para ser pega de surpresa. Se tinha um menino ali dentro, foi porque ela quis. Sabia de trás para a frente como evitar filho, foi a primeira coisa que aprendeu com ele” (Madeira, 2021, p. 162).

É preciso acrescentar que os trechos citados acima referem-se, ambos, à personagem Lucy, uma prostituta, enquanto Dinha Zezé aproxima-se mais dos padrões de mulher esperados socialmente. Isso quer dizer que, possivelmente, as informações sobre controle reprodutivo não chegaram a Dinha Zezé, pois o propósito do casamento era a reprodução e a esposa não poderia evitar o marido.

As mulheres como aliadas e vítimas do sistema patriarcal

Sobre a visão sexista a respeito do comportamento da mulher, cabe acrescentar que, mesmo inconscientemente, as mulheres fazem parte da estrutura que as oprime; afinal, uma vez que as mulheres integram o meio social, seria improvável não respingar nelas atitudes e pensamentos que perpetuam o machismo. bell hooks (2018, p. 13) afirma que “todos nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas. Como consequência, mulheres podem ser tão sexistas quanto homens”. Ou seja, existe uma socialização para que as mulheres ajam como aliadas ao sistema patriarcal, ainda que, com essa atitude, elas saiam como principais prejudicadas.

A convivência das mulheres no sistema patriarcal é explicada por Bourdieu (2012):

Por conseguinte, a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica (p. 45).

Em uma sociedade puramente bipartida, as mulheres, de acordo com hooks (2018, p. 29), foram socializadas para competir umas com as outras “pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio”. Ainda, de acordo com hooks (2018, p. 29), o

pensamento sexista é responsável por fazer as mulheres julgarem sem compaixão e punir duramente umas às outras.

No caso de *Tudo é Rio*, a autora não deixou de espalhar momentos na narrativa em que as mulheres explicitam o seu julgamento para com as outras. É certo que, na maioria dos casos, o ódio partia das “beatas” em direção às prostitutas, uma consequência da dicotomia que paira sobre as mulheres que as dividem entre “santas” e “putas”.

As senhoras mais respeitadas se uniam para exigir de Deus que tornasse difícil a vida fácil dela. Se achavam com poderes de julgar e condenar a indecente. Muitas dessas senhoras tinham em casa maridos que assistiam mudos à ira contra Lucy. Mais a raiva delas aumentava, mais a fama de Lucy crescia (Madeira, 2021, p.14-15).

A partir do trecho citado acima, fica evidente que existe uma rivalidade entre as “mulheres respeitadas”, isto é, as mulheres que vivem de acordo com as normas sociais impostas, e Lucy, a prostituta mais famosa da cidade. Curioso notar que o ódio que é nutrido em relação às prostitutas se deve ao fato de os maridos das “mulheres respeitadas” procurarem sexo fora dos laços matrimoniais; no entanto, ao invés de as mulheres direcionarem o ódio aos maridos infiéis, o ódio é direcionado às mulheres com quem eles se relacionam, o que não deixa de ser consequência da influência do patriarcado.

Em outro momento, a rivalidade entre beatas e putas é levantada novamente: “Putas e beatas não se entendiam nem por princípios, nem pelos fins. Para as putas, basta a Deus um coração puro, outras partes podem ser lambuzadas. Para as beatas, qualquer lambança no corpo contamina o coração” (Madeira, 2021, p. 27). Fica nítido aqui que o ódio pelas prostitutas também ocorre porque elas representam a sexualidade e sensualidade. A palavra “lambança” pode ser interpre-

tada como ato sexual, logo, a imagem da mulher que pratica relações sexuais e não se importa em esconder isso. Para as beatas (ou as mulheres consideradas “direitas”), a exploração da sexualidade por parte das mulheres é um absurdo, portanto, as putas merecem o ódio direcionado a elas, ao mesmo tempo em que elas tampouco pensam em julgar os homens pelos mesmos atos.

Nesse sentido, o julgamento feito por mulheres para mulheres acaba, por si só, apagando quaisquer resquícios de culpa por parte dos homens, benefício masculino que a estrutura patriarcal se empenha em manter. Em *Tudo é Rio*, quando é revelado o passado de Lucy, o leitor toma ciência de que a moça morava com a tia Duca e seu marido, Brando. Brando, além de ser casado, é adulto e, perante as leis sociais, é encarado como parente de Lucy. Ainda assim, ele alimenta o jogo sexual com a sobrinha de sua esposa, mesmo que a narrativa ainda dê indícios de que Lucy não passa de uma adolescente, ou seja, menor de idade.

A relação entre Lucy e o tio é um marco para o início da vida na prostituição por parte da adolescente. Em uma conversa com Brando, o homem adverte Lucy: “Se sua tia te pega comigo, te bota na rua. Eu vou ser perdoado. Você não” (Madeira, 2021, p. 43). Ou seja, mesmo com a diferença de idade – sendo Brando o adulto – e com o tio sendo casado – logo, a responsabilidade era dele em manter-se, teoricamente, fiel –, nessa situação, quem sairia como indigna do perdão de Duca seria Lucy.

Vale incluir aqui que, mais à frente, Lucy perpetua o ódio a uma mulher ao invés do homem, embora seja ele o envolvido na situação. Trata-se de quando Lucy, após diversas investidas negadas por Venâncio, direciona sua raiva não a ele, o homem que a rejeitara duramente, mas sim a Dalva, referindo-se a ela como “vaca”: “Mas o não prosseguiu firme, e a humilhação de implorar pelo sim se transformou em

ódio, ódio de Dalva, a vaca empacada no caminho de Lucy” (Madeira, 2021, p. 116).

A partir desses apontamentos pode-se sintetizar que a violência simbólica pertencente à estrutura patriarcal mostrada no livro fomenta a rivalidade entre mulheres, apesar de os homens terem parcial ou totalmente responsabilidade nos atos. Assim sendo, as mulheres inseridas na sociedade machista têm tendência a culpabilizar outras mulheres, o que as transforma, ao mesmo tempo, em vítimas e cúmplices do sistema.

De toda forma, é interessante frisar que esse jogo patriarcal no qual as mulheres também reproduzem o machismo não as isenta de sofrerem violências de gênero.

Considerações finais

Analisando a cultura intrinsecamente patriarcal ainda vigente no século XXI, construída e mantida ao longo da história de forma resistente, percebe-se que a sociedade retratada em *Tudo é Rio* aproxima-se excepcionalmente da realidade.

Sabendo-se que o discurso de um autor expressa muito sobre o seu modo de pensar e enxergar o mundo, é possível constatar que Carla Madeira reconhece a violência simbólica que predomina nas relações sociais, fazendo com que as mulheres sejam alvo de críticas e humilhações ao se afastarem dos padrões de comportamento esperado para elas, os quais consistem, principalmente, em manter uma imagem de recato e silenciamento de sua sexualidade.

Percebe-se também que o livro exhibe circunstâncias em que o corpo da mulher se encontra sob posse dos homens, seja em relações familiares ou conjugais.

Além disso, fica nítido que a estrutura patriarcal não se manteria erguida se não fosse o fortalecimento da estrutura violenta pelas próprias mulheres que, apesar de vítimas do sistema, por serem expostas a pensamentos enraizados pelo machismo, acabam, algumas vezes, sendo conduzidas a perpetuar os mesmos pensamentos que atingem tanto a elas quanto a outras.

Conclui-se, portanto, que o cenário em que *Tudo é Rio* é apresentado contribui para o desenvolvimento da trama, uma vez que demonstra, de maneira fluida, o pensamento da sociedade patriarcal a respeito do corpo e do comportamento da mulher. Interessante observar que em nenhum momento é revelado o nome da cidade, tampouco sua localização geográfica ou a época em que a narrativa prossegue, porém, devido aos temas tratados serem caracterizados como universais, é possível criar um vínculo entre ficção e realidade.

Referências

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 11ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CASTRO, A. A. M. de. Cores, cheiros e sabores – Corpo feminino e literatura no Século XIX. *Revista Terceira Margem*, v. 24, n. 43, p. 90-106, 2020.

DEL PRIORE, M. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

DEL PRIORE, M. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, M. (org.) *História das mulheres no Brasil*. 7ed. São Paulo: Contexto, 2004.

hooks, b. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MADEIRA, C. *Tudo é Rio*. Rio de Janeiro: Record, 2021.

NIELSSON, J. G.; WERMUTH, M. A. D. O domínio do corpo feminino: uma abordagem da dimensão pública da violência contra a mulher no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, n. 123, p. 539-580, 2021.

SOIHET, R. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, M. (org) *História das mulheres no Brasil*. 7ed. São Paulo: Contexto, 2004.

WICHTERICH, C. *Direitos Sexuais e Reprodutivos*. Rio de Janeiro: Heinrich Böll Foundation, 2015.

Recebido em: 12/01/2024

Aprovado em: 20/03/2024

Licenciado por

